

A pedagogia erótica de Platão nas narrativas de Marguerite Duras e Clarice Lispector

La pédagogie érotique de Platon sur les narratifs de Marguerite Duras et Clarice Lispector

João Paulo Melo Fernandes

Mestre em Literatura Comparada pela UFC
jpfernandes@ufc.br

Denise Rocha

Professora de Literatura Comparada da UFC
rocha.denise57@gmail.com

Resumo: Este artigo, segundo o discurso de Pausânias em *O banquete* de Platão, faz um diálogo entre a educação pederástica grega e a relação erótico-pedagógica que se estabelece entre os pares das narrativas *O amante* (1984), de Marguerite Duras (1914-1996), e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), de Clarice Lispector (1920-1977). A análise comparativa entre esses dois romances escritos na segunda metade do século XX não apenas destaca a produção de uma literatura de autoria feminina, como evidencia de forma intimista o conceito de *Ars Erotica* proposto por Michel Foucault (2015), cuja contextualização histórica descreve que o sexo era visto como uma iniciação ao saber.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Erotismo; Marguerite Duras; Pedagogia; Platão.

Résumé: Cet article, selon le discours de Pausanias dans *Le banquet de Platon*, fait un dialogue entre l'enseignement pédérastique grec et la relation érotique-pédagogique établie entre les couples du récit *L'Amant* (1984), de Marguerite Duras (1914-1996), et *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), de Clarice Lispector (1920-1977). L'analyse comparative entre ces deux romans écrits dans la seconde moitié du XXe siècle met en lumière non seulement la production d'une littérature d'autorité féminine, mais démontre aussi intimement le concept d'*Ars Erotica* proposé par Michel Foucault (2015), dont la contextualisation historique décrit que le sexe était considéré comme une initiation à la connaissance.

Mots-Clés: Clarice Lispector; Érotique; Marguerite Duras; Pédagogie; Platon.

INTRODUÇÃO

Ainda que muito já se tenha escrito sobre o amor, tal temática é essencialmente uma fonte inexaurível de discussões. Como explicita Camille Dumoulié (2005, p. 34) em sua obra *O desejo*, ainda que no senso comum tal palavra esteja associada a uma variedade de termos historicamente ligados à ideia de atração ou vontade (*Eros*, *Cypris*, *epithumia*, *hormè*, etc.) é inevitável que esse *daimon*¹ platônico não seja alvo de interesse dos vários campos do saber que buscam entendê-lo, o que neste caso também não excetua os estudos literários.

A construção deste artigo nasceu da curiosidade de uma aplicação do texto de *O banquete*, da autoria de Platão, em duas obras literárias contemporâneas que versem sobre o tema de Eros numa perspectiva comparada. O foco desta análise é compreender a relação pedagógica que se estabelece entre os amantes dessas narrativas a partir do discurso de Pausânias, um dos convidados à celebração de Eros, promovida por Agatão. Assim, através das obras *O amante* (1984), de Marguerite Duras, e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), de Clarice Lispector, pretende-se sublinhar aproximações sobre como o amor pode e deve ser ensinado à luz do pensamento platônico.

O amante é uma ficção de natureza autobiográfica, narrada por um “eu” feminino já envelhecido, que se volta para o seu passado, destacando principalmente o período de sua adolescência. Tal Narradora-personagem relata o envolvimento que teve, aos quinze anos e meio de idade, com um chinês doze anos mais velho e rico. Além do casal protagonista, são figuras importantes na história a mãe e os dois irmãos da Narradora: o mais velho, odiado, e o caçula, amado, com o qual a protagonista chega a insinuar uma relação incestuosa. Curiosamente, tais personagens são identificados por meio de epítetos, como “a menina” (a Narradora-personagem referindo-se a si mesma), “o amante de Cholen”, “a mãe”, “o irmão mais velho” etc.

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres apresenta episódios da vida de Lóri, jovem que se envolve sentimentalmente com Ulisses, um professor de Filosofia que pretende ensiná-la sobre o que são os “prazeres” da vida. Inusitadamente, esse “mestre de amor” se aproveita de exemplos do cotidiano para provocar em sua “aluna” as mais diversas sensações, desde a mais singela até a mais erotizante.

Parece justificável que tais obras escritas na segunda metade do século XX falassem francamente sobre sexualidade feminina através de escritoras e mulheres protagonistas: tratava-se de um momento histórico em que o mundo ocidental acabava de testemunhar a chamada “revolução sexual” das décadas de 1960 e 1970. Foi uma época de importantes rupturas sociais feministas, quando se discutia a ideia do amor livre, do uso do anticoncepcional e do estilo de vida *hippie* que entrava em franca oposição aos valores tradicionais da sociedade de antanho.

Em alguns países da Europa, e mesmo na América anglo-saxônica, se consolidava uma crescente desenvoltura erótica feminina até então silenciada e/ou ignorada pelos segmentos mais conservadores da sociedade. É o que declara Mary del Priore em *Histórias íntimas*, quando diz que:

1 Considerando que o texto de Platão se reporta a Eros como um ser intermediário entre os deuses e os mortais, o uso da expressão *daimon* parece ser a mais conveniente para indicar sua natureza, posição e ação, uma vez que outros termos como *demônio*, *espírito*, *gênio* ou *anjo* sejam imprecisos para identificá-lo.

A liberação [ou revolução sexual] significou a busca de realização no plano pessoal e a consciência de que ‘problemas sexuais’ não teriam lugar num mundo ‘normal’. Ao defender a ideia do ‘direito ao prazer’, os pais da época fabricaram um tipo de sofrimento: o que nascia da ausência do prazer. [...] O direito ao prazer tornou-se norma. E norma cada vez mais interiorizada. Apenas conformando-se a essa regra seria possível sentir-se feliz, alegre e saudável. (PRIORE, 2011, p.175)

Esse “direito ao prazer” promovido pela liberação sexual, e que até então era compreendido como um legado exclusivamente masculino, não só permitiu que as mulheres pudessem discutir abertamente sobre sexo, como também lhes deu a oportunidade de questionar seu próprio papel na sociedade. Por extensão, esse mesmo “direito” plasmou-se às expressões artísticas, de modo que no campo da ficção, escritoras como Duras e Lispector passam a desnudar desejos e intimidades femininas através das personagens de suas obras literárias.

Na leitura de *O amante* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, destaca-se a inexistência de interditos na exposição da sexualidade feminina, cujos textos expõem ao leitor o que até então jamais poderia ser escrito pela pena de uma mulher. Além disso, o que há em comum entre ambas as narrativas é o aspecto erotizante no contexto do que seria uma relação pedagógica estabelecida entre “a menina” e “o amante de Cholen”, bem como entre o casal Lóri e Ulisses.

A PEDAGOGIA DE EROS

É na Grécia onde são encontradas as primeiras referências feitas a Eros (ou Cupido, para os romanos), o deus do Amor. Ao ser mencionado em obras como *Teogonia*, de Hesíodo, ou *Fedro* e *O banquete* de Platão, percebe-se a preocupação dos antigos helenos em compreender qual seria a finalidade da existência de Eros para a manutenção da harmonia no mundo. Não obstante, se a narrativa de Hesíodo se limita em tão somente descrever o surgimento de Eros como modo de organização do Caos, é nos textos de Platão onde se apresenta um estudo extensivo sobre a origem e a ação desse impetuoso deus, filho de Afrodite.

O banquete é um diálogo ambientado em Atenas, durante uma celebração em homenagem a Eros promovida por Agatão. Por ocasião deste evento, ele e alguns dos mais ilustres convidados da sociedade local, como Fedro, Pausânias, Erixímaco, Sócrates e Aristófanes (este último, o famoso comediógrafo) têm a oportunidade de fazer um discurso em tributo ao deus do Amor.

Entretanto, como esclarece José Américo Motta Pessanha em *Platão: as várias faces do amor*, cada posicionamento dos convidados ao banquete de Agatão parece atender simbolicamente ao modo sobre como cada geração da comunidade ateniense compreendia a ação de Eros, porquanto:

Percebe-se, assim, que a doutrina socrático-platônica sobre o amor emerge do texto do *Banquete* como aquilo que pôde ser resgatado de uma longa cadeia de memórias e esquecimento, no meio de uma série de discursos heterogêneos, provenientes de várias épocas e entremeados de lacunas. [...] o tema do amor existe na intermediação dos discursos, no campo plural da fala, da interlocução sustentada pela memória, mas marcada inevitavelmente pela incerteza e pelas omissões do esquecimento. (PESSANHA, 2009, p. 98)

Desse modo, durante a leitura de *O banquete*, destaca-se a fala inicial de Fedro, o qual apresenta Eros como um ardor que insufla os homens e os expõem ao perigo; pelas palavras de Pausânias, não há somente um, mas dois Eros — um primeiro, comum e vulgar, e outro, nobre e celestial; segundo Erixímaco, Eros é heterogêneo, mas busca uma harmonia; na concepção de Aristófanes, ao evocar a *cosmogonia*, Eros se incumbem em reunir o que foi dividido; no discurso de Agatão, Eros é belo, jovem e feliz, possuidor de virtudes e criador; e, por fim, nos termos de Sócrates, Eros, mesmo possuindo ascendência divina, possui carência e é filho da Necessidade, daí o seu caráter de eterna incompletude.

Desta maneira, em se relacionando o texto platônico à pedagogia do amor que se evidencia nas obras de Duras e Lispector, toma-se por empréstimo a fala de Pausânias em *O banquete*, quando este declara que:

Tradicionalmente aprovamos quando um indivíduo se devota voluntariamente ao serviço de outro indivíduo na crença de que isso o tornará melhor do ponto de vista da sabedoria, ou de qualquer outra parte da virtude, essa escravidão voluntária não constituindo também qualquer tipo de vileza ou servilismo. (PLATÃO, 2010, p. 51)

Com efeito, o trecho supracitado é um discurso que versa sobre a devoção que deve ser prestada por um indivíduo a outro. De forma análoga, no contexto de uma relação pedagógica, também caberia ao professor (devoto de seu conhecimento e obrigação) ensinar o seu aluno, ajudando-o a se tornar sábio e virtuoso. Em *História da sexualidade*, Michel Foucault (2015, p. 69) corrobora com essa mesma interpretação quando afirma que: “Na Grécia a verdade e o sexo se ligavam, na forma da pedagogia, pela transmissão corpo a corpo de um saber precioso; o sexo servia como suporte às iniciações do conhecimento [...]”.

Além disso, o posicionamento de Pausânias pressupõe a existência de um duplo divino: ora, se havia duas Afrodites, uma Celestial (Urânia) e outra Popular (Paudemiana), era justificável que existissem dois tipos de Eros. Contudo, se Pausânias ressalta que há dois tipos de amor, ele os distingue hierarquicamente, considerando que Eros Popular (mais corpóreo do que espiritual) seria aquele que alcança rapazes e moças, uma vez que este é o amor dos homens inferiores. Em contrapartida, Eros Celestial (moderado e menos lascivo) seria o amor [pederasta] dos homens pelos mancebos, os quais prefeririam o sexo que é mais forte e racional.

Ao discutir sobre a superioridade de Eros Celestial, o artigo *O conceito de amor no Banquete e no Fedro de Platão*, de Gabriela Rocha Rodrigues, ratifica que:

[...] este segundo Eros atua entre homens e mancebos, que possuem, além da identificação sexual, uma identificação superior, baseada na premissa de que caberia ao homem sábio educar o mancebo no caminho da virtude, e, àquele, deixar-se conduzir, partilhando ambos do único caminho para o amor virtuoso: o da servidão voluntária, onde amante e amado se auxiliam constantemente ao longo da vida. (RODRIGUES, 2014, p. 6)

Mais adiante em sua explanação, Pausânias faz um discurso político ressaltando a importância de Eros para a preservação do Estado, porquanto em certas cidades-estados gregas havia um consentimento social quanto à conquista de mancebos por homens,

para a prática de uma *Ars Erotica*² que visava desenvolver a Filosofia no espírito de seus cidadãos. No entanto, o mesmo não acontecia em outras *pólis*, as quais, segundo o texto platônico, seriam governadas por homens bárbaros.

Ao tocar no assunto da Educação, o discurso de Pausânias não apenas faz uma crítica à atividade pedagógica dos sofistas, mas reafirma que Eros Celestial (representado pela *pederastia*) deve ser incentivado e favorecido pela sociedade, porquanto é fundamental para a manutenção do Estado grego. Segundo Luana Neres de Sousa, em *A pederastia em Atenas no período clássico: relendo as obras de Platão e Aristóteles*, sabe-se que a despeito da natureza desse tipo de relação “[...] o que prioritariamente estava em foco era o conhecimento passado do erasta para o erômeno, o desenvolvimento intelectual do jovem” (SOUSA, 2008, p. 61).

Neste quesito, é pertinente identificar quem são, respectivamente, o *erasta* e o *erômeno* no contexto sociocultural grego: o primeiro é o homem adulto e livre, que tem com o segundo, isto é, um rapazinho, uma relação erótica, com finalidade pedagógica. Desse modo, é possível chegar ao cerne da questão que se estabelece entre “professor” e “aluno” pelo viés amoroso, pois conforme o discurso de Pausânias lê-se que:

De fato, quando *amante* [erasta] e *rapazinho amado* [erômeno] juntam-se, cada um é norteado por sua própria regra de conduta, o primeiro entendendo como justificado prestar qualquer serviço ao amado que lhe concede seus favores, e o segundo entendendo como justificado disponibilizar quaisquer atenções àquele que o torna sábio e virtuoso; quando o mais velho é capaz de contribuir muito para o mais jovem tornar-se mais sábio e melhor, na sua insuficiência, ganhando em educação e em todos os saberes... então, e somente então, na convergência dessas duas regras num só ponto, há nobreza em um rapazinho amado aceitar um amante. (PLATÃO, 2010, pp. 51-52)

A explicação para a anuência da pederastia no seio da sociedade ateniense é descrita historicamente como parte de um “currículo” educativo que vislumbrava preparar o futuro cidadão para o exercício da democracia. Tal indivíduo de origem nobre (isto é, o *eupátrida*) deveria receber um tratamento mais refinado do que o homem comum (servos e escravos), assim que a educação do primeiro consistia em estudos de filosofia, música, literatura e história que só poderiam ser mais bem assimilados por meio da relação pederástica.

Desse modo, vê-se por qual motivo a pederastia era aceita entre os membros da sociedade grega à época de Platão: tal “estratégia” pedagógica funcionava como uma espécie de controle do Estado sobre os cidadãos. Tal relação partia do pressuposto que “Uma vez que o homem não soubesse controlar os seus impulsos sexuais e se deixasse ser escravizado por eles [os erastas], desobedecendo às regras de conduta pederástica, não saberia se comportar adequadamente na Assembleia [...]” (SOUSA, 2008, p. 47).

Com efeito, através da pederastia, o futuro eupátrida aprenderia a controlar suas paixões visando sempre o bem comum da sociedade. Tamanha era a importância dessa prática educativa, que se um erasta não fosse considerado bom político, logo não poderia tornar-se mestre de um erômeno. Em contrapartida, nesse jogo erótico

2 Conceito utilizado por Michel Foucault (2015, p. 64) para referir-se às práticas culturais das antigas sociedades orientais (Japão, China, Índia) e ocidentais (Grécia e Roma), nas quais o sexo era entendido como um meio de iniciação ao saber.

que se estabelece entre o homem mais velho e o rapazinho, o segundo jamais poderia ceder facilmente às investidas do primeiro, pois de outra maneira ele não se tornaria um eupátrida capaz de resistir às reivindicações de classes subalternas. Abaixo, a fala de Pausânias ilustra esse mesmo pensamento, quando diz:

Suponhamos que um jovem tivesse um amante por ele considerado rico, e que depois de ceder a ele visando ao seu dinheiro se visse enganado e sem a perspectiva de qualquer dinheiro, tendo afinal o amante se revelado um homem pobre. Isso seria vil de uma forma ou de outra, porquanto o jovem teria manifestado seu caráter, revelando-se pronto a fazer qualquer coisa a qualquer pessoa por dinheiro, o que não é nobre. Por idêntica razão, quando alguém cede a um amante na suposição de que se trata de um homem bom e na expectativa de que fará de si alguém melhor graças à amizade desse amante, e em seguida se vê enganado na medida em que seu amante se revela uma pessoa vil e carente de virtude, mesmo nessa situação não há vergonha em haver sido enganado, mas nobreza. [...] A conclusão é que ceder ao amante visando à virtude é nobre, independentemente do resultado. (PLATÃO, 2010, p. 52)

No entanto, à parte do contexto histórico que engendrou o cultivo dessa relação erótico-pedagógica, em *O banquete* também se aborda o assunto da pederastia. Ainda que o debate dessa “pedagogia do amor” seja recorrente em várias passagens do texto platônico, o discurso de Pausânias se destaca dos demais pela afirmação de que o objetivo principal da relação pederástica sempre buscava alcançar o belo. Para a sociedade grega, o jogo erótico entre erasta e erômeno não implicava necessariamente na prática da cópula, pois o princípio educador era “amar” sem que houvesse a necessidade de um contato sexual. Exceções à regra? Sim, mas que na prática era condenável aos olhos dos demais cidadãos atenienses.

Desse modo, vê-se que na prática da pederastia caberia ao erasta ensinar o jovem amado a dominar seu próprio desejo, sempre com o propósito de torná-lo um bom cidadão; ao erômeno, este deveria mostrar-se servil e obediente conquanto devesse resistir às investidas eróticas de seu mestre. Neste bojo, ainda que tal defesa à relação pederástica seja recorrente nos diálogos dos convidados de *O banquete*, o pensamento platônico se traduz, neste caso, como uma pedagogia do Eros Celestial representando a eterna busca de conduzir o homem para o bem.

A RELAÇÃO PEDAGÓGICA DOS AMANTES EM MARGUERITE DURAS E CLARICE LISPECTOR

A partir da fala de Pausânias, é possível estabelecer um diálogo entre a dinâmica do envolvimento erótico-pedagógico vivenciado pelos pares das narrativas de *O amante* (“a menina” e “o amante de Cholen”) e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (Lóri e Ulisses) com a relação pederástica referenciada por Platão em *O banquete*.

Não obstante, entende-se que a despeito do texto platônico tratar circunstancialmente de uma relação entre indivíduos do mesmo sexo, isso não constitui um empecilho para que se possa estender tal relação pedagógica para um contexto de heterossexualidade, como acontece nas obras de Duras e Lispector. Ademais, vale lembrar que na antiga Grécia o conceito de homossexualidade, tal como hoje se concebe, não é o mesmo daquele contexto histórico. Como foi discutido no início deste artigo, a pederastia

possuía uma finalidade unicamente instrutiva e esta, ainda que com exceções, era parte de um “currículo” que pretendia conduzir os jovens eupátridas à maturidade.

Não à toa, logo após a fala de Pausânias, Erixímaco, manifestando seu louvor a Eros Celestial (a pederastia), estende o poder de influência deste deus ao envolvimento amoroso entre homens e mulheres, o qual deve agir como uma espécie de regulador da temperança, assim que para ele:

Eros não se limita a ser um impulso das almas humanas para a beleza humana, sendo sim a atração de todos os seres vivos para uma multiplicidade de coisas, a qual atua nos corpos de todos os animais e de tudo que se desenvolve sobre a Terra, e praticamente em tudo que existe; e aprendi quão grandioso, maravilhoso e universal é o governo desse deus sobre todas as coisas, quer humanas [independentemente de gênero] quer divinas. (PLATÃO, 2010, p. 53)

Ora, o posicionamento de Pausânias ilustra que Eros e sua pedagogia estão em toda parte, não delimitando seu campo de ação ao gênero dos indivíduos. Portanto, pode-se concluir que o que se entende por pederastia no contexto platônico nada mais é do que o retrato de uma práxis social. É com essa prerrogativa que se torna possível relacionar o discurso de Platão com os textos de Marguerite Duras e Clarice Lispector.

Em *O amante*, as recordações da Narradora-personagem (“a menina”) falam da influência de duas pessoas importantes em sua vida — a mãe, professora de matemática, e o chinês (“o amante de Cholen”), doze anos mais velho que ela, o seu primeiro amante. Ao mencionar sua genitora, “a menina” diz que:

Minha mãe, professora, quer que a filha faça o secundário. O que você precisa é do secundário. O que era suficiente para ela não é mais para a menina. O secundário e depois prestar concurso para ser professora de matemática. Sempre ouvi essa ladainha, desde os meus primeiros dias de escola. Nunca pensei em escapar ao concurso para o magistério, ficava feliz que ela esperasse isso. (DURAS, 2012, pp. 8-9)

Em paralelo ao texto supracitado, percebe-se que a subordinação da Narradora-personagem à autoridade materna é similar ao do contexto grego à época de Platão. Segundo “a menina”, a mãe quer que ela se torne professora e que faça o secundário, o que ela demonstra aceitar de bom grado, porquanto afirma que desde a infância se sentia feliz por atender ao desejo de sua genitora.

Não diferente do que ocorria na sociedade de Atenas, os filhos dos eupátridas também deveriam aquiescer à vontade de seus pais, cujo fim sempre vislumbrava torná-los cidadãos. Como demonstra o artigo *O ideal de cidadania na sociedade da Atenas clássica*, ratifica-se, a partir do pensamento de Aristóteles, que a bondade e a obediência eram predicados que deveriam ser cultivados pelos jovens. (GUIMARÃES; VIEIRA, 2012, p. 107).

No que se refere à influência de “o amante de Cholen”, tão logo se inicia o envolvimento do casal, a Narradora-personagem declara que:

Eu olhava o que ele fazia comigo, como se servia de mim, e nunca tinha pensado que se podia fazer assim, ele ia além de minha esperança e em consonância com o destino do meu corpo. Assim me tornei a sua filha. Ele também tinha se tornado outra coisa para mim. (DURAS, 2012, p. 85)

No contexto da citação acima, interessante é notar que a relação erótica estabelecida entre “o amante de Cholen” e “a menina” evolui para um *status* parental. Nesse momento, vê-se que a Narradora tanto coloca a mãe quanto o amante num patamar de igualdade. Quando a protagonista de *O amante* afirmar ter se tornado *filha* desse homem mais velho, isso reafirma a ideia de uma relação familiar, onde “o amante de Cholen” passa a ser um agente influenciador, dando a essa ligação amorosa uma conotação pedagógica.

Curiosamente, esse saber que é transmitido através do corpo dos amantes é descrito pela própria menina como “a experiência”, quando diz que:

Havia em mim o lugar para ele, soube disso com os outros, mas curiosamente, antes da hora. Assim como havia em mim o lugar do desejo. Aos quinze anos, eu tinha o rosto do gozo e não conhecia o gozo. Via-se muito bem esse rosto. Até minha mãe devia vê-lo. Meus irmãos viam. Tudo começou desse jeito para mim, por esse rosto visionário, extenuado, esses olhos pisados antes do tempo, antes da *experiência*. (DURAS, 2012, p. 12)

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Lóri também desenvolve semelhante dependência em relação a Ulisses. Assim como o chinês do romance durasiano, o professor de Filosofia também desempenha um papel quase parental na vida da protagonista, porquanto se vê que:

Era como se Ulisses tivesse uma resposta para tudo isso e resolvesse não dá-la – e agora a angústia vinha porque de novo descobrira que precisava de Ulisses, o que a desesperava – queria poder continuar a vê-lo, mas sem precisar tão violentamente dele. Se fosse uma pessoa inteiramente só, como era antes, saberia como sentir e agir dentro de um sistema. Mas Ulisses, entrando cada vez mais plenamente em sua vida, ela, ao se sentir protegida por ele, passara a ter receio de perder a proteção. (LISPECTOR, 1998, pp. 18-19)

Como Platão ilustra em *O banquete*, a sociedade ateniense de sua época aprovava a relação existente entre o *amante* e o *rapazinho amado*, compreendendo o papel educativo da prática pederástica. Ao se plasmar essa práxis para o contexto das obras de Duras e Lispector, é interessante observar como o jogo erótico da sedução e do desejo parece principiar esse ciclo de saberes.

Em *O amante*, a troca de olhares é o passo inicial da relação que se estabelece entre a Narradora-personagem e o chinês. O diálogo, apesar de banal, é revelador. Observa-se que o mais experiente (no caso, o chinês) é quem toma a dianteira no jogo da conquista, porquanto a narrativa descreve que:

["O amante de Cholen"] Diz que o chapéu lhe cai bem, muito bem mesmo, que é... original... um chapéu de homem, por que não? Ela ["a menina"] é tão bonita, pode se permitir qualquer coisa.

Ela olha para ele. Pergunta quem ele é. Ele diz que está voltando de Paris, onde fez seus estudos, que também mora em Sadec [...] Ele diz que é chinês, que sua família vem do norte da China, de Fu-Chuen. Você me permitiria conduzi-la à sua casa em Saigon? Ela concorda. Ele diz ao motorista para pegar as bagagens da jovem no ônibus e colocá-las no carro preto. (DURAS, 2012, p. 31)

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* há uma situação semelhante ao do enredo de *O amante*. Trata-se de um dos depoimentos de Ulisses, ao referir-se à forma

como este se aproximou pela primeira vez de Lóri. Adiante, transcreve-se a fala do professor de Filosofia, o qual declara:

— Escute Lóri, você sabe muito bem como conheci você e quero de propósito lembrá-lo: você estava esperando um táxi e eu, depois de olhar muito para você, pois fisicamente você me agradava, simplesmente abordei você com um começo de conversa qualquer sobre a dificuldade de encontrar táxi àquela hora, ofereci-lhe levá-la no meu carro para onde você quisesse, no fim de cinco minutos de rodagem convidei você para um uísque e você sem nenhuma relutância aceitou. Com seus amantes você foi abordada na rua? (LISPECTOR, 1998, p. 50)

De acordo com a pedagogia de Eros, sabe-se que o erasta não era apenas o homem mais velho que seduzia, mas sim o indivíduo que foi experimentado na arte de amar, tornando-se, por conseguinte, o detentor dessa “ciência”. Em *O amante*, tal atributo de “o amante de Cholen” é similar ao da prática pederástica quando “a menina” diz que:

É um homem que tem hábitos, penso de repente, deve vir com relativa frequência a este quarto, é um homem que deve fazer muito amor. [...] Ele se torna brutal, seu sentimento é desesperado, ele se atira sobre mim, come os seios de criança, grita, insulta. Fecho os olhos de tanto prazer. Penso: está acostumado, é isso o que faz na vida, o amor, só isso. As mãos são experientes, maravilhosas, perfeitas. [...] Ele me chama de puta, de nojenta, diz que sou seu único amor, e é isso o que ele deve dizer e é isso que se diz quando se deixa o dizer acontecer, quando se deixa o corpo fazer e buscar e encontrar e tomar o que quer, e aí tudo é bom, não há restos, os restos recobertos, tudo arrastado pela torrente, pela força do desejo. (DURAS, 2012, p. 38-39)

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* também se descreve na narrativa o conhecimento erótico-pedagógico do erasta. No entanto, distando da narrativa durasiana, onde a sabedoria do “professor de amor” é descrita pelo olhar da Narradora-personagem, o texto de Lispector traz no próprio Ulisses a voz dessa experiência, porquanto tal personagem afirma:

Sou professor de Filosofia porque é o que eu mais estudei e no fundo gosto de me ouvir falando sobre o que me interessa. Tenho um senso didático pronunciado que faz com que meus alunos se apaixonem pela matéria e me procurem fora das aulas. Este meu senso didático, que é uma vontade transmitir, eu também tenho em relação a você, Lóri, se bem que você seja a pior de meus alunos. Bom, apesar de meu ar duro, que aliás vem também do fato de meu nariz ser tão reto, apesar de meu ar duro, sou cheio de muito amor, e é isso o que certamente me dá uma grandeza, essa grandeza que você percebe e de que tem medo. (LISPECTOR, 1998, p. 60)

Em se comparando as duas narrativas vê-se que ambos os erastas (“o amante de Cholen” e Ulisses) são conscientes de seu papel enquanto educadores — não se trata apenas de fazer valer a conquista amorosa, mas de saber que suas atitudes em relação aos erômenos (“a menina” e Lóri) implicarão numa aprendizagem que transformará radicalmente a vida das duas personagens. Em *O amante*, a Narradora-personagem diz que:

Eu [“a menina”] lhe falo desse desejo por ele [“o amante de Cholen”]. Ele me pede para esperar mais um pouco. E fala, diz que soube imediatamente, desde a

travessia do rio, que eu seria assim após o meu primeiro amante, que eu amaria o amor, diz que já sabe que eu o enganarei e que enganarei também todos os homens com quem estiver. [...] Ele me diz que me lembrarei a vida toda dessa tarde, mesmo quando estiver esquecido até seu rosto, seu nome. (DURAS, 2012, p. 38-39)

Do mesmo modo, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, o leitor encontra essa mesma convicção nos dizeres de Ulisses, quando ele assinala que:

Eu, por exemplo, suponho ser dos melhores professores da faculdade. Primeiro porque a matéria sempre me apaixonou e eu esperava dela que me respondesse a perguntas, que me fizesse pensar. Tenho um prazer enorme de pensar, Lóri. Depois, por sorte, tive ótimos professores, além de simultaneamente ser um autodidata: quase todo o meu dinheiro então era aplicado na compra de livros caríssimos. Outra sorte que tenho como professor: ser amado pelos alunos. Mas eu também vivia, e continuo vivendo agora. Enquanto você é boa professora mas nem se permite talvez rir com os alunos. Depois você aprenderá, Lóri, e então experimentará em cheio a alegria que é de se comunicar, de transmitir. (LISPECTOR, 1998, p. 92-93)

Com efeito, os exemplos mostrados conferem às narrativas de *O amante* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* a existência de uma aproximação estilística e ideológica de como Eros/Amor pode ser transmitido enquanto saber; inclusive, corroborando com essa tese, não parece ser mera coincidência que Duras e Lispector se usem das expressões *experiência* e *aprendizagem* como forma de referenciar essa pedagogia erótica no contexto de suas ficções.

Segundo Frédérique Lebelley, em *Marguerite Duras: uma vida por escrito*, a autora de *O amante*, de fato, teria visto em Lê (o verdadeiro nome de “o amante de Cholen”) o seu primeiro “professor de amor”, ao argumentar que o chinês:

[...] é o herdeiro da fortuna do pai, que tem mais confiança nele do que no primogênito, para bem administrar seus negócios. De forma que pertence à comunidade restrita dos chineses muito ricos e decadentes, que se tornaram comerciantes, donos de todos os imóveis populares da colônia. Aquele homem oferece-lhe o que ela [Duras] esperava. Dinheiro e experiência de mulher. A sorte está lançada. Então será este, entre todos os homens possíveis. Ela o segue, ligeiramente entristecida por ver terminada a esperança, a tranquilidade da dúvida, a infância. Por cair irremediavelmente na realização teimosa do seu desejo. (LEBELLEY, 1994, p. 58)

Do mesmo modo, no posfácio intitulado *A imagem absoluta*, a crítica de Leyla Perrone-Moisés não nega a presença de elementos autobiográficos no enredo de *O amante*. Curiosamente, ao mesmo tempo em que sua apreciação à narrativa de Duras repisa o efeito memorialístico do livro, emerge igualmente o tema do erotismo como prática pedagógica para o amadurecimento da escritora, porquanto alega que:

De fato, *O amante* pretende narrar um episódio da adolescência de Marguerite, sua iniciação sexual, aos quinze anos e meio, com um chinês rico de Saigon, e a ligação que os uniria por três anos. Na história, estão presentes a mãe, sua desgraça financeira e moral, o irmão mais velho, drogado, cruel e venal, o irmão mais novo, frágil e oprimido, a jovem estudante do liceu francês de Saigon, brutalmente amadurecida e desencantada. Todos esses elementos são autobiográficos, e a

escritora explicita, no texto, que está narrando aí o que nunca havia contado, um segredo, um fato recalcado. Mas em que medida tudo isso é verdade? Não o sabemos e nem interessa saber. “A história da minha vida não existe. Ela não existe. Nunca há um centro. Nem caminho, nem linha”, diz ela, já nas primeiras páginas do romance. (PERRONE-MOISÉS, 2012, pp. 105-106)

Como forma de aquisição de saberes, a teoria pedagógica de Eros explicitada por Pausânias, é inclusive percebida através da biografia da autora de *O amante*, pois, pelas palavras de Frédérique Lebelley:

Quando [Marguerite Duras] se põe a escrever *L'Amant*, sabe que perdeu a maravilhosa liberdade da jovem de dezesseis anos, atravessando o Mekong numa balsa, e a inocência dessa idade quando ignorava o que resultaria de sua relação com o chinês da limusine preta. [...] A história tornou-se narrável. Todavia, entra nela sem intenção determinada. Talvez espere mostrar, com esse livro, sob uma perspectiva diferente, certos acontecimentos evocados anteriormente em sua obra, mas nada que o leitor já não saiba, pensa ela. [...] Que esse amor de Lê [o chinês] tenha desempenhado um papel capital na sua vida, que talvez seja o elo perdido que precipitou todo o resto da mentira, ainda não lhe é claro. [...] Mas o desejo de escrever é mais forte — ‘o desejo de ler um livro meu’, diz ela —, e Duras jamais se coloca a questão do sucesso. (LEBELLEY, 1994, p. 270)

Assim como no romance de Duras, Clarice Lispector demonstra em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* como essa prática pedagógica de Eros exerce uma influência capital para o desenvolvimento da narrativa. No livro *Clarice, uma biografia*, Benjamin Moser interpreta o texto clariceano à luz de uma incessante busca de Lóri pelo alcance da maturidade, o qual senão impossível seria mais árduo sem o apoio de seu par romântico, assim que:

Ulisses é tanto pai ou terapeuta como amante. Lóri precisa de alguém acima dela, de algum tipo de mediação entre ela e “um Deus tão vasto que ele era o mundo com suas galáxias”. Tendo abandonado a religião de sua infância, determinada a buscar força e orientação apenas em si mesma, ela se sente exaurida por essa independência conquistada a tão duras penas, ‘cansada do esforço de animal libertado’. (MOSER, 2009, p. 434)

Em outra passagem dessa mesma obra, o biógrafo de Clarice Lispector ainda acrescenta que a busca de Lóri representa uma ansiedade da própria escritora, cuja insatisfação contínua com seu processo de escritura era algo que também se constatava na elaboração das narrativas de Marguerite Duras: “Não vou ser autobiográfica. Quero ser ‘bio’” (LISPECTOR apud MOSER, 2009, p. 448).

Todavia, sem que se esqueça de que *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* é também uma narrativa que evidencia essa marca da pedagogia de Eros, Benjamin Moser ratifica que:

Por meio do sexo, Lóri aprende a ficar emocionalmente íntima de outro ser humano, sem renunciar a sua condição física animal. A resposta de Lóri vem quando ela finalmente vai para a cama com Ulisses, num dos raros finais felizes de Clarice Lispector. (MOSER, 2009, p. 435)

Dessa maneira, percebe-se que o texto clariceano assim como a obra ficcional de Duras, dialoga com o pensamento platônico à luz de uma *Ars Erotica* milenar, a qual

compreendia o sexo como um rito de passagem, num eterno ciclo de aquisição de saberes, a qual era transmitida por um erasta ao seu erômeno.

CONCLUSÃO

Através da análise comparada das obras *O amante* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, vê-se que há um consistente diálogo entre ambas as narrativas e o discurso erótico-pedagógico explanado por Platão em *O banquete*. Apesar de este diálogo filosófico ter sido escrito há mais de dois mil anos, o escopo dos textos de Marguerite Duras e Clarice Lispector apresentam vários traços mnemônicos que remetem ao pensamento platônico.

Em *O banquete*, Platão não apenas descrevia a realidade social da Grécia de sua época, como também ensejava demonstrar que a prática da pederastia possuía, em regras gerais, uma finalidade educacional. Como justifica o próprio texto, o jogo erótico entre os amantes correspondia à práxis de uma *Ars Erotica* que objetivava conduzir o cidadão grego à maturidade.

Na comparação entre as protagonistas de *O amante* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, a relação erótico-pedagógica que se estabeleceu entre elas e seus pares acabou por conduzi-las a um processo de amadurecimento que culminou numa mudança radical em suas vidas. Neste quesito, emblemática é a fala do personagem Ulisses na narrativa de Lispector, quando diz que: “[...] pensei que poderia agir com você com o método de alguns artistas: concebendo e realizando ao mesmo tempo. É que de início pensei ter encontrado uma tela nua e branca, só faltando usar os pincéis” (LISPECTOR, 1998, p. 52).

Por meio de semelhante metáfora, o pensamento de Platão em *O banquete* parece encerrar aquele que seria o sentido maior de Eros (o que é revelado no diálogo por meio de Sócrates): de que Eros, o deus do amor, por ser filho da Necessidade, nasceu com um sentimento de falta. Desse modo, “uma tela nua e branca” a ser preenchida também é uma configuração erótica das personagens “a menina”, Lóri, ou de qualquer outro indivíduo que, via de regra, assim como as personagens de Duras e Lispector, para alcançar o ápice da maturidade, deve também ser aprovado através da pedagogia do amor.

REFERÊNCIAS

DUMOULIÉ, C. *O desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

DURAS, M. *O Amante*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GUIMARÃES, L.; VIEIRA, A. *O ideal de cidadania na sociedade da Atenas clássica*. *Mundo Antigo: História Antiga, Medieval e Arqueologia*, Campos dos Goytacazes, v. 1, número 2, pp. 101-111, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/ZMVXTE>. Acesso em: 13/09/2018.

LEBELLEY, F. *Marguerite Duras: uma vida por escrito*. Tradução de Uéliton de Oliveira e Vilma de Katinszky. São Paulo: Página Aberta, 1994.

LISPECTOR, C. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

PERRONE-MOISÉS, L. *A Imagem Absoluta*. In: DURAS, M. *O amante*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PESSANHA, J. *Platão: as várias faces do amor*. In: NOVAES, A. (Org.) *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PLATÃO. *O banquete*. In: PLATÃO. *Diálogos V*. Bauru: Edipro, 2010.

PRIORE, M. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. 4ª Edição. São Paulo: Planeta, 2011.

RODRIGUES, G. *O conceito de amor no Banquete e no Fedro de Platão*. *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*, Campo Grande, v. 6, n. 6, pp. 1-20, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/YRVfPN>. Acesso em: 12/05/2017.

SOUSA, L. *A Pederastia em Atenas no Período Clássico: Relendo as Obras de Platão e Aristóteles*. Goiânia. 113 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/kNwNs9>. Acesso em: 19/05/2017.

Recebido em: 22/Out/2018 - **Aceito em:** 22/Mai/2020.